

A imagem em ação no Deep Memory Process® de Roger Woolger

1. Psicologia e filosofia

O método é a linguagem em ciências exatas. Isso é válido tanto na física clássica como na quântica. Os físicos, em geral, não entram em discussões filosóficas sobre a natureza do tempo e do espaço. É verdade que os mistérios do formalismo quântico levaram alguns, como Einstein e Heisenberg, a especular filosoficamente sobre a natureza “real” do tempo ou do espaço, mas nunca a discordar sobre os métodos científicos utilizados.

A psicologia, por seu lado, sofre desde seus primórdios, de uma incapacidade intrínseca em escapar aos modelos filosóficos que determinam, consciente ou inconscientemente, seus métodos. Fato sem dúvida inquietante para os que pensam ser possível transformar a psicologia numa ciência exata.

Já William James em seu “Tratado de psicologia” afirma que: “Quando dizemos que a psicologia é uma ciência natural, devemos evitar compreender que por isso ela se baseie sobre fundamentos sólidos. Essa qualificação expõe, pelo contrário, sua fragilidade, a fragilidade de uma ciência que exala crítica metafísica por todas suas articulações, de uma ciência cujas hipóteses e dados

fundamentais, longe de ter um valor pessoal e absoluto, originam-se, ao contrário, em teorias que as ultrapassam e em função das quais é necessário repensá-las e formulá-las novamente¹⁷.

Poderíamos seguir nessa toada por toda uma tese de doutorado, demonstrando a aparente, talvez inevitável, dependência da psicologia da filosofia. Isso porém escapa ao nosso propósito. Vale assim mesmo lembrar, como exemplo de uma abordagem psicológica respeitada, que não existiria psicologia da Gestalt sem o filósofo da Gestalt, Christian von Eherenfels, sem o hassidismo filosófico de um Martin Buber e sem a influência do zen budismo.

Parece-me portanto supérfluo encaixar em alguma categoria psicofilosófica o *Deep Memory Process®* / (DMP) de Roger Woolger. O que me proponho fazer é passar em revista as influências que sofreu.

2. Principais influências

Roger Woolger foi um brilhante professor e sintetizador. Usou, sem preocupação ou respeito acadêmico, aquilo que lhe pareceu mais útil para desenvolver sua abordagem pessoal da terapia regressiva, o Deep Memory Process.

O DMP consiste, fundamentalmente, numa intensa experiência de cenas de "vivências passadas" de forma consciente e no corpo, com liberação emocional, profunda

percepção de energias sutis, jornadas a espaços intermediários além da morte (bardos), contatos com níveis espirituais arquetípicos e manifestações mais elevadas do self transpessoal.

Roger apropriou-se, como Ken Wilber, do conceito budista de bardo do Livro Tibetano dos Mortos.

No hinduísmo buscou, nos sutras de Patanjali, sua inspiração para afirmar que os últimos pensamentos, emoções e sensações físicas dos personagens de uma regressão, na hora de sua morte, deveriam ser sempre observados cuidadosamente, já que seriam os traços de memória mais cárnicos e que mais se manifestariam na vida atual.

Do xamanismo trouxe a prática do resgate da alma e, do espiritismo brasileiro, considerou, com certa prudência, a ideia de uma possível evolução da alma individual.

Apropriou-se, nas diversas escolas psicoterápicas, entre outros conceitos, dos complexos afetivos de Jung. Amava a catarse expressiva de Reich, respeitava imensamente as primeiras teorias de Freud sobre o trauma e o teatro psicodramático de Moreno.

Porém, a facilidade com a qual lançava mão do que lhe parecia útil, não deve nos enganar sobre sua vasta cultura psicológica, intelectual e espiritual. Além, naturalmente, de sua paixão pelos romances

policiais, que devorava, como bom amante de histórias emocionantes.

3. Os complexos afetivos

O Deep Memory Process busca induzir uma experiência a partir de um problema que atormenta a vida do cliente, aquela condição que Jung chamou de “*complexos afetivos*”, ou seja, a “imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional (...) imagem dotada de poderosa coerência interior (que) tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*, (que) se comporta, na esfera do consciente, como um *corpus alienum*, corpo estranho, animado de vida própria”¹.

Ao definir o termo “complexo”, Jung aponta para uma inquietadora possibilidade de desintegração psíquica embutida no fenômeno, pois “*de fundo não há diferença de princípio alguma entre uma personalidade fragmentária e um complexo*”².

Jung cita ainda Pierre Janet e a extrema dissociabilidade da consciência. Isso sugere que esses personagens fragmentados possam ter origens em experiências originadas por traumas, leves ou severos, assunto ainda bastante subestimado na psiquiatria contemporânea³.

Jacob Moreno, através de seu teatro e cenas psicodramáticas, e Fritz Perls, com seus personagens gestálticos, também se dedicaram a explorar esses mesmos complexos.

O *Deep Memory Process* de Roger Woolger pode também ser descrito como uma técnica sintética, de simples aprendizagem e aplicação, para abordar o que Freud chamou de “neurose traumática”. Freud via nesse distúrbio “uma força demoníaca em ação”⁴. Essa ação dissimulada do “demônio do trauma” está na origem daquilo que a psicanálise chama de “fraquezas ou falhas de caráter.

Aqui um exemplo concreto, retirado do livro de Roger Woolger, “As Várias Vidas da Alma”⁷:

A cliente apresentava uma fobia de facas. Confiando no inconsciente como guia, Roger pede que ela feche os olhos e sugere que se centre em seus problemas na vida atual, uma gravidez recente, seguida de perda da criança. (Nesse caso específico foi usada uma respiração mais intensa para buscar imagens ou cenas traumáticas. Poder-se-ia ter trabalhado de várias outras formas, como indução por frases carregadas emocionalmente ou estímulo de certas partes do corpo).

Como esperado, a cliente começa a reviver sua cesária traumática da vida atual. Porém, a carga emocional manifestada sugere que

possa existir uma “história por trás da história”. Roger então orienta: “Deixe que seu inconsciente a leve para qualquer outra história onde algo parecido aconteceu. Repita a frase: “Por favor, não me corte”. Imediatamente a cliente entra em uma história que parece ser do século XVII, um parto terrível, uma cesária feita primitivamente com uma faca, na qual mulher e o bebê acabam morrendo, cobertos de sangue. A partir dessa experiência e de um processo cuidadoso, que explora detalhadamente os últimos momentos da vida do personagem, pôde emergir muito material novo, esclarecedor e liberador para a cliente. Uma outra forma de compreender o processo de cura é pensar que, além do trauma do parto da vida atual, uma outra poderosa associação foi gerada pela regressão, com o poder de aumentar a flexibilidade e compreensão interior. A fobia de facas desapareceu totalmente, após esse trabalho.

No exemplo acima, o DMP partiu de uma imagem sugerida por um complexo afetivo da vida atual. O cliente, deitado ou sentado, é incentivado e guiado, enquanto conta uma história da qual se “lembra”. Essa história é contada em primeira pessoa e acontece em uma outra vida que não é, definitivamente, a vida atual.

O personagem dessa outra vida lembra-se do que lhe ocorreu, ao menos das cenas mais dramáticas e termina, invariavelmente, morrendo. Após a morte, seu espírito sai do corpo, assegura-se que aquela vida acabou e tenta resolver, nesse espaço espiritual, algumas

das pendências que ficaram como resíduos de memória mais traumáticos. Tudo isso ocorre sem indução hipnótica. No DMP é sempre importante evitar dissociações e buscar, se necessário, uma catarse psicológica emocional e corporal.

3. Shakespeare e o DMP: O teatro como sonho interior

Quando conheci Roger Woolger, num módulo de treinamento, em 1998, a assistente que o acompanhava me declarou: “O trabalho de Roger situa-se no *cutting edge* da psicologia”, uma expressão idiomática inglêsa que significa “na linha de frente ou, traduzido literalmente, no fio da faca”. E isso continua sendo assim...

Roger Woolger, após graduar-se em psicologia pela Universidade de Londres, continuou, no início dos anos 70, seus estudos no Instituto Jung de Zurique. Apresentou como trabalho final de sua formação como analista a tese “Morte e transformação do ego através da loucura: uma interpretação de Rei Lear, de Shakespeare”, tese orientada pelo Dr. Ian Baker.

Infelizmente o Instituto Jung não autoriza a reprodução de teses depositadas em sua biblioteca. Assim, fiquei restrito a fazer rápidas

anotações uma fria tarde de inverno, na vila às margens do Lago de Zurique. Esperava encontrar, em sua tese, alguma indicação de seus trabalhos futuros.

Nada sugere que o jovem inglês se interessasse, naquela época, por algo tão heterodoxo como regressões ou vidas passadas. Mas a escolha do tema mostra já a obsessão de Roger pelo teatro, particularmente pelas obras de Shakespeare.

Esse fio condutor nunca o abandonou. Tanto assim que, cerca de um mês antes de sua morte, já gravemente enfermo, ofereceu como presente de despedida a seus filhos e amigos, uma excursão a Stratford-upon-Avon, cidade natal de Shakespeare. Lá assistimos, emocionados, a uma belíssima encenação de sua peça preferida, “Sonho de uma Noite de Verão.

Harold Bloom⁵, um dos maiores críticos literários contemporâneos, atribui à inesgotável imaginação de Shakespeare a criação do homem moderno, referindo-se assim à estrutura psicológica de seus personagens. E Jung entendia o sonho como um drama.

Woolger⁶; por seu lado afirma que grandes peças como Júlio César, Hamlet, Otelo, Macbeth e King Lear, são sonhos com personagens oníricos, vivendo os dramas do estado-nação emergente renascentista, através de seus conflitos interiores, mais simbólicos que naturalistas, como corresponde ao mundo dos sonhos.

Segundo T.S.Eliot, encontramos em Shakespeare, dramas típicos como a morte de um herói, de um rei ou de um soldado. Outras vezes, a morte de uma heroína contra um fundo de grande depressão e decadência. Países vivem divisões e guerras civis, personagens mudam suas roupas e disfarces. Ou seja, os mesmos temas que também emergem nas regressões de memória⁷.

E como Shakespeare percebe a imaginação? Em *Sonho de uma Noite de Verão*, ela seria aquele espaço psíquico no qual se alojam os objetos de fantasia que atormentam “o lunático, o amante e o poeta”. O neurótico, para usar uma linguagem moderna.

O lunático, o amante e o poeta

estão cheios de imaginação:

*Um vê mais demônios de quantos possa comportar o
vasto inferno,*

*Tal é o caso do louco: o amante, não menos
transtornado,*

enxerga a beleza de Helena em rosto egípcio.

O olho do poeta, num delírio excelsa,

*passa da terra ao céu, do céu à terra,
e como a imaginação dá corpo
às coisas desconhecidas, a pena do poeta
lhe dá formas, e ao nada aéreo
um lugar para morar e um nome.
Tais caprichos tem a forte imaginação
Que basta-lhe qualquer mostra de alegria
E logo uma causa inventa da alegria;
e se a noite, imaginando algum medo,
Quão fácil é um galho em urso transformar.⁸*

4. Jung e o DMP

Woolger via-se como uma mente pragmática, interessado que estava em resultados rápidos e eficientes. Desprezava considerações ou modelos teóricos. Transmitia uma prática e valorizava a cura. Tinha um grande coração e preocupava-se sinceramente com o sofrimento alheio. Pode ser também visto como um xamã moderno, na mesma linhagem que Jung.

Ensina através de casos concretos, que serviam como modelos didáticos e comprovavam os resultados de seu método. Como exemplo, um caso que acompanhei recentemente e que ilustra o desaparecimento de sintomas físicos crônicos, após uma única experiência de regressão.

O personagem da regressão do cliente, um guerreiro índio, encontrava-se no meio da floresta, sozinho, quando foi atingido por uma flecha envenenada na costas. Devido à morte por envenenamento, a história desenvolveu-se com bastante lentidão. Havia antecedentes de rixas e intrigas com outro índio, um amigo e rival, e uma disputa a respeito da liderança da tribo. O personagem foi finalmente traído pelo outro índio e atingido em uma emboscada, que resultou em sua morte. Os dois índios eram amigos desde a infância e, desde pequenos, competiam entre si. Um misto de amizade e disputa, confiança e inveja. Psicologicamente, esse personagem se revelava na vida atual do cliente como falta de confiança nas relações, desconfiança de outras pessoas e principalmente insegurança. Também um certo medo de não ser aceito pelo grupo e necessidade de ser valorizado.

O cliente relatou, seis meses depois da regressão, que desde sua adolescência era acompanhado por uma dor forte bem no meio das costas, mais para o lado esquerdo. Quando era mais novo, essa dor irradiava-se até o peito, e ele sentia alem da dor um aperto no peito, do lado do coração. Os médicos diziam tratar-se de um reflexo da dor nas costas. Foi diagnosticado com uma escoliose bem visível. Essa dor sempre ia e voltava; havia se submetido a alguns tratamentos, mas nunca obteve um alívio total da dor. Nos seis meses subseqüentes à regressão, relatou nunca mais ter sentido a dor que lhe queimava e inflamava as costas.

Sugiro que a influência de Jung sobre Roger Woolger tenha sido maior que a que ele mesmo admitisse, pois lamentava a indiferença na qual esbarrou sua versão particular de “imaginação ativa” entre a comunidade junguiana.

Jung, no ensaio “A Estrutura da Alma”⁹, analisa um sonho que, para qualquer praticante de DMP, parece claramente estar associado a uma memória de vivência passada e que apresenta analogias curiosas com o caso acima.

A queixa do jovem paciente de Jung, eram dores violentas na zona do coração (como se houvesse um bolo dentro do peito). O gatilho óbvio, mas não reconhecido pelo paciente, foi um abandono por uma moça com a qual ele namorava e que rompera, para se noivar com outro. Após a análise por Jung e catarse emocional afetiva, as dores no peito desapareceram. Permaneceram porém dores racionalmente inexplicáveis no calcanhar esquerdo do paciente. Para ajudá-lo, o inconsciente manifestou-se então através de um sonho, no qual ele era mordido por uma serpente, picada que o paralisou.

O analista suíço interpreta com sucesso, atestado pelo desaparecimento das dores no calcanhar, a serpente como parálisia psicológica do paciente por uma mãe um tanto histérica e superprotetora. “O tema da serpente, por certo, não era uma aquisição individual do sonhador⁹, já que muitos habitantes das grandes cidades europeias nunca viram uma serpente verdadeira. E conclui: “A impressão que se tem é de que essas camadas hipotéticas mais profundas do inconsciente - o inconsciente coletivo - traduzem as experiências com mulheres por mordidas de serpente no sonho, transformando-as, assim, em temas mitológicos⁹”.

Para finalizar seu relato do caso, Jung cita um hino egípcio, anterior à Gênesis, usado, em épocas remotas, para curar mordidas de serpente.

*“A idade do deus fez sua boca se mover,
E jogou sua lança por terra,
E o que ela cuspia, caia no chão.
Isis amassou-o, então, com suas mãos
Juntamente com a terra que havia aí;
E com tudo isto formou um verme nobre,
E o fez semelhante a um dardo.
Ela não o enrolou sem vida em torno de seu rosto,
Mas o atirou enrolado sobre o caminho
Pelo qual o Grande Deus costumava andar
À vontade, através de seus dois reinos
O nobre deus avançava resplendente,
Os deuses que serviam o faraó acompanhavam-no,
E ele seguia em frente, como acontecia todos os dias.
Então o nobre verme picou-o.
Suas maxilas começaram a bater
E todos os seus membros tremiam.
E o veneno invadiu sua carne,
Como o Nilo invade seu território.⁹”*

A analogia com o envenenamento do índio, no caso da regressão, por uma flecha, na história da regressão através do DMP, é óbvia.

Se Freud tivesse analisado o mesmo caso, usando seu *método redutivo causal*, necessitaria, para explicar as dores do paciente, de

uma série de hipóteses e modelos, como o complexo de Édipo e o medo da castração.

Já Jung, através de seu *método sintético construtivo*, demonstra que o inconsciente eleva o complexo de abandono e de decepção infantil a um acontecimento mítico. Como entender que as fragilidades escolares de uma criança se identifiquem com mitos tão arcáicos como o de Ísis ou do Gênesis? Jung afirma que o inconsciente faz isso ao tentar ajudar o paciente. E elabora mais: “O racionalista pode rir-se destas coisas. Mas há algo profundo que foi tocado dentro de mim (...)⁹”.

Como chamar o método de Woolger, que deixa contar uma história de outra vida, como método direto de acesso ao inconsciente? Sugiro *método de síntese literal*, já que o que se busca não é uma formulação simbólica do problema, mas sim uma história, a mais “real” possível, com começo, meio e fim.

No DMP, o sonho com a serpente de Jung sugere uma vida na qual o sonhador foi literalmente picado por uma cobra, ou vítima de algum ferimento, talvez infeccionado fatalmente, nessa mesma região.

Assim, uma única sessão de regressão pode, as vezes, acessar e trazer conteúdos à tona, sem necessidade de elaborações e interpretações mais complexas. A distância entre vivência passada e vida atual é, em geral, muito menor que a trazida por um sonho e

suas múltiplas simbologias. E a dependência do terapeuta é bem menor em relação às análises tradicionais. O terapeuta é, durante a regressão, verdadeiramente só um facilitador.

5. Hillman e Freud: alma, psique e memória

Em o “*O Mito da Análise*¹⁰”, James Hillman, pós junguiano e criador da *Psicologia Arquetípica*, aborda indiretamente questões fundamentais levantadas pelo trabalho de regressão no DMP.

Hillman afirma que a obra e tarefa do psicólogo consiste em “*fazer alma*¹²”. De fato, durante toda sua vida, dedicou-se a trazer de volta, para a linguagem psicológica contemporânea, o antigo e aparentemente ultrapassado conceito de alma. A palavra também aparece, inesperadamente, no título da tradução do livro de Roger em português, substituindo o termo mais técnico de Self, no título original inglês. O DMP preenche esse requisito da obra psicológica, segundo Hillman: é capaz de *fazer alma*. Se para o pintor a tela é o limite, diz ele¹⁴, para o terapeuta o limite é a pessoa à sua frente. Isso significa, necessariamente, que a alma (ou a “vivência passada”) seja simplesmente algo pessoal. Há “... um nível da alma onde ela é psique *per se*, um conjunto de processos vivos, independente de nossas noções de individualidade e redenção pessoal¹⁴”.

Jung, mesmo sendo sempre extremamente cuidadoso ao preservar sua imagem de cientista empírico, não se exime em falar de uma das três puras modalidades psicológicas da alma, aquela relativa ao elemento material e espiritual. Diz ele: “A chamada realidade da matéria nos é atestada, antes de mais nada, por nossa percepção sensorial, enquanto a existência é sustentada pela experiência psíquica¹³”. Tanto a matéria como o espírito, segundo ele, seriam indispensáveis hipóteses de trabalho, necessitando permanentemente de novas interpretações.

Mas o que seria então considerado científico em psicologia? Quantas gramas pesa uma alma e em que lóbulo cerebral ela se localiza? Diante dificuldade da resposta, recorro novamente a Hillman: “Alma não é um termo científico (...). O seu significado é melhor explicitado pelo contexto. (...d)o ponto de vista do analista é que o comportamento humano mostra-se compreensível enquanto é dotado de significado interior¹⁴”.

Assim, com o indireto e involuntário aval de Jung e Hillman, sugiro que o grande potencial do DMP de Roger Woolger seja fornecer uma nova interpretação, eminentemente psíquica, para o eterno e insolúvel problema psicológico do corpo, da alma e da existência.

Quanto à natureza da memória, foi Freud quem afirmou que o que ele julgava, nos primeiros anos de sua “cura pela fala”, ser memória

factual de traumas infantis, revelava-se, após escrutínio cuidadoso, possuir aspectos gravemente prejudicados pela fantasia. Não só levantamos um inventário de nossa infância nas longas sessões analíticas, mas também criamos e recriamos permanentemente, com ajuda da imaginação e da fantasia. Por quê então pensar que memórias de assim chamadas vidas passadas devam ser menos “reais” do que as da vida atual?

5. Memória e análise como obra de ficção criativa

A questão mais inçomoda, quando praticamos DMP, é: a memória acessada pelo cliente é a memória de uma vida passada “real? Caso seja, essa vivência pertence ao cliente, pessoalmente, é um fragmento de sua grande alma ou faz parte de uma memória universal, acessada através do inconsciente coletivo? Ou, como pensam alguns clientes, seria mero produto de sua fantasia?

Roger, ele mesmo, nunca se fixou em uma resposta. As vezes, diante dos resultados notáveis da técnica, expressava-se no sentido de uma vida passada propriamente dita. Outras vezes, considerava a pergunta incômoda ou de pouca relevância prática. Dizia ele:

“O fenômeno da memória é importante para aquilo que chamamos de ‘memórias de vidas passadas’. Aqui

me refiro basicamente a Jung, que disse que temos, de fato, dois tipos de memória: nossa memória pessoal, eventos, traumas, tragédias dessa vida, mas que temos também, dentro de nós, um tipo de memória ou lembrança que é muito mais antiga. Jung costumava dizer que cada um tem dentro de si um homem, uma mulher com 5 milhões de anos de idade. E ele/ela se lembra de tudo e seria através dessa pessoa mais antiga dentro de nós que temos acesso ao que na Índia é chamado de memória universal ou akasha. Você talvez não saiba que tudo que você faz em seu computador é gravado em algum lugar. Por isso, você pode voltar para uma semana atrás e atualizar tudo o que ocorreu naquele momento.

Tudo o que aconteceu aos seres humanos no planeta está contido nesse banco de memórias universal. E como fazemos parte da humanidade, temos acesso a isso. Se essas memórias pertencem a nós pessoalmente ou à humanidade como um todo, é um ponto que pode ser discutido. E os que leram meu livro ‘As Várias Vidas da Alma’ sabem que eu mostro que existem

posições divergentes a esse respeito. Um junguiano ortodoxo diria que não existem vidas passadas pessoais, existem memórias de vidas passadas e conectamo-nos com algumas delas porque essas espelham os complexos com os quais estamos trabalhando nessa vida. Mas isso não significa que fui essa pessoa ou essa alma. Simplesmente, me conectei, tenho essa conexão com essa memória coletiva. Outro é o ponto de vista dos kardecistas e que manifesta-se na Índia de forma diferente; haveria uma continuidade entre as vidas. Haveria algo que as conecta, como uma alma ou uma consciência, que passa por transformações. A visão kardecista ou ocidental é a de que a alma está sempre evoluindo. A visão oriental é que não há de fato uma personalidade que melhora. Certos conteúdos são transmitidos e necessitam ser limpos. Não existiria uma evolução contínua da personalidade. De fato, o ponto de vista budista é oposto ao do kardecismo. A visão budista diz que vamos nos desapegando cada vez mais de nossas vidas como seres humanos.

A personalidade, afinal das contas, é uma ilusão. É como um papel que atuamos na peça da vida. Mas, quando a vida acaba, não precisamos mais dessa máscara. Jung tem um ponto de vista parecido.”
(Transcrição de uma palestra gravada de Roger Woolger)

A alma, como já vimos anteriormente, tem elementos que transcendem o biográfico e pessoal, sua natureza é múltipla, fluídica e mercurial, produtora ou produto de funções psicológicas tão misteriosas quanto a imaginação, a memória e a fantasia, tão impossível de ser capturada, dissecada e analisada cientificamente como fantasia e loucura. Já que temos que lidar com a infinita multiplicidade, através da qual ela, por exemplo, se apresenta nos sonhos, porque não tentar satisfazer sua necessidade em falar, recontar e elaborar, como diria Freud¹⁵, através de histórias que digam respeito não somente a esse ego atual, tão sofrido, mas também ao outro, o ego do sonho de Jung, o ego imaginal de Hillman, os múltiplos egos das inúmeras histórias de vidas passadas de Roger Woolger?

Quando acompanhamos os clientes, em uma série de regressões, não há como deixar de constatar quão satisfatório pode ser, para eles, o processo do DMP. Gera sentido, gera significado, gera sensação de

completude, mesmo tratando-se muitas vezes de travessias árduas, ingratas, desconsoladas. Confrontar-se com parte da história da humanidade, em primeira pessoa, é trabalho profundo.

6. Henry Corbin e o DMP: O *Mundus Imaginalis*

Para falar sobre Henry Corbin, o erudito francês que cunhou o termo *mundus imaginalis*, me deparo com uma dificuldade de ordem prática: a vasta obra desse que foi um dos três grandes historiadores da religião do século XX, além de Mircea Eliade e Gershom Sholem, não foi traduzida para o português.

Foi Roger quem primeiro me chamou a atenção para ele, diante de minha perplexidade, com cientista, ao me deparar com os estranhos fenômenos das regressões.

Estudioso do sufismo e do xiismo persa, Corbin apresenta aos ocidentais, interessados em metafísica oriental, um conceito central de imensa profundidade filosófica, profética e espiritual. Trata-se do que chamou *mundus imaginalis*, termo que criou para diferenciar de imaginação ou imaginário.

Para os filósofos orientais estudados por Corbin¹⁶, o *mundo imaginalis* é um mundo ontologicamente real, criador de formas, um mundo intermedíario entre o mundo da pura matéria e do puro

espírito. Sem esse mundo intermediário, a matéria não possuiria alma, e seria então mera matéria morta, e o espírito seria puro espírito, ou seja, vazio.

Foi mérito dos junguianos, no Ocidente, vulgarizar e chamar a atenção para o trabalho inovador de Corbin.

Não que isso não gere ambiguidades e perigos. Para nossas mentes literais e tão carentes de magias transformadoras, o passo é pequeno em aproximar o conceito de *mundus imaginalis* por exemplo do cútico filme de sucesso *Quem somos nós?* (What the Bleep Do We Know!?), que sugere sermos nós quem criamos, através da força do pensamento, a realidade. Não é nada disso que diz Corbin.

Mas qual seria a relação entre uma metafísica neo platônica oriental, de difícil compreensão para alguém sem treinamento filosófico, e uma técnica terapêutica ocidental?

O mais inovador na proposta de Roger Woolger, em relação a outras técnicas de regressão, é o que ele chamou de trabalho no *bardo*, ou seja, no pós-morte. Aqui, o espírito do personagem encontra pessoas das quais foi separado em vidas anteriores, tenta resolver questões e emoções inacabadas através de diálogos ou confrontações, consulta ou busca apoio de ancestrais e busca tratamentos espirituais para suas dores ou feridas ‘físicas’.

Tecnicamente, poderíamos chamar essas experiências no bardo de Woolger, (tão gratificantes para os espíritos confusos e perdidos após uma morte frequentemente trágica), de sonho acordado, ou de imaginação ativa e criativa. Nelas podem surgir todo o tipo de figuras fantásticas, como anjos, sábios, santos, curadoras, etc.

Não posso afirmar que esse processo no bardo de Roger ocorra literalmente no *mundus imaginalis* dos orientais. Porém, inspirado pelos filósofos orientais, ouso postular analogias entre o *bardo* de Roger e o *mundus imaginalis* de Corbin, assim como a física quântica hoje serve como geradora de analogias ao transpessoal.

As imagens acessadas pelo cliente no *bardo* de Woolger, durante a experiência de “divagação guiada e desperta”, podem ser também compreendidas como pertencendo a um mundo real, diferente do nosso, com outras leis e regras. Aqui todo cuidado é pouco. Nessa concepção, não é a alma do cliente que estaria criando o mundo do bardo, mas sim esse outro mundo, singular e único, que inspiraria, por assim dizer, a alma do personagem.

Qual pode ser a função de tal analogia? Dar um passo além da mera técnica, sem deixar de respeitá-la, evitando cuidadosamente qualquer tipo de misticismo de pronta entrega mas sem excluir, *a priori*, que o enfoque usado no DMP traga, além do aspecto meramente terapêutico, uma experiência *imaginal* de criação,

através das imagens de um outro mundo. Agrada-me imaginar assim o DMP.

.

7. DMP e tratamento do trauma

Vivemos numa sociedade pós-traumatizada. Violência e guerra urbana, estupros, abuso infantil, tortura policial e acidentes de carros fazem parte integral de nosso cotidiano. Apesar disso, o fenômeno do trauma tem sido muito pouco estudado no Brasil e pouco é oferecido para seu tratamento. Livros fundamentais, como “Trauma e Recuperação¹⁹” de Judith Hermann, sequer foram traduzidos para o português. Vivemos em dissociação permanente, como bons pós-traumatizados. A passividade e tolerância em relação aos escândalos políticos pode ser até explicada como um tipo de dissociação pós-traumática. Somos indiferentes a tudo, com inesperadas explosões de colera e crueldade no âmbito pessoal ou social.

O DMP de Roger Woolger oferece um modelo, cuidadosa e exaustivamente testado, para o tratamento do pós-trauma. Isso fica claro quando lembrarmos que 80% a 90% das histórias contadas em sessões de regressão terminam traumaticamente, passando por episódios de violência aguda. Assim, como deve acontecer em todo tratamento de trauma, o guia de uma regressão em DMP fica atento

aos fenômenos dissociativos e busca sempre informações no corpo e nas emoções do cliente, sobre os conteúdos da história.

A coragem de Roger em abordar direta e psicodramaticamente questões espinhosas e delicadas, como abuso infantil e violência contra mulheres, garantiu a abrangência da sua técnica. O DMP converge e reafirma, através de seus resultados, o trabalho pioneiro sobre trauma de Van der Kolk¹⁹, que afirma basicamente que a terapia da fala não é efetiva em transtornos de estresse pós-traumático, já que os indivíduos traumatizados vivenciam o presente com sensações físicas e emocionais associadas ao passado. Ou seja, o dia a dia de um terapeuta de DMP.

Espero que não esteja longe o dia no qual venhamos a testar diretamente a eficiência do DMP nos precários centros de atendimento para trauma do Brasil, como as casas abrigo para mulheres. Assim, através de uma metodologia de tratamento do trauma deslocada para outras vidas, pode ser possível desenvolver um método simples e eficiente para o tratamento das seqüelas de uma sociedade violenta.

8. Em guisa de prólogo

Talvez Roger concordasse comigo no que deva estar presente na manutenção da “jovem tradição” do DMP. Nada pode ser

transmitido verdadeiramente se isso não ocorrer através de atos sempre renovados.

Mullah Sadra²⁰, o filósofo xiita do seculo XVII, acreditava que o passado e a morte não se estavam nas coisas mas sim nas almas. Segundo ele, “a tradição depende de nossa decisão, ao descobrir uma afinidade até agora insuspeita, que o que acorda em nós não está morto e não é do passado, pois, ao contrário, pressentimos ser nós mesmos seu futuro. A tradição, compreendida assim, é tudo menos um cortejo fúnebre; exige um renascimento perpétuo e isso é a gnose²⁰.

Que essa breve apresentação possa ser isso: uma inspiração a uma prática instigante, aberta e renovada em cada um de seus momento.

9. Bibliografia

¹ Carl Gustav Jung, *A Natureza da Psique*. Ed. Vozes [2000], § 201

². Ibid. § 202

³. Ivan Figueira e Mauro Mendlowicz, *Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático*. Rev Bras Psiquiatr 2003;25(Supl I):12-6. <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s1/a04v25s1.pdf>

⁴. Sigmund Freud, *Beyond the Pleasure Principle*, [1922], em Standard Edition, vol. 18, London: Hogarth Press 1955, pp. 35

- ⁵. Harold Bloom, *A Invenção do Humano*. Ed. Objetiva
- ⁶. Roger J. Woolger, *Ego death and transformation through madness. An Interpretation of Shakespeare's King Lear*, tese não publicada.
- ⁷. Roger J. Woolger, *As Várias Vidas da Alma*, Ed. Cultrix [2012].
Pedidos: marcndre@gmail.com
- ⁸. William Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão*, Ato V, Cena I
(http://williamshakespearewilliam.blogspot.com.br/2009/05/ato-vcena-i_07.html)
- ⁹. Carl Gustav Jung, *A Natureza da Psique*. Ed. Vozes [2000], § 303 a 307
- ¹⁰. James Hillman, *O Mito da Análise*, Ed. Paz e Terra [1984]
- ¹¹. Ibid. pp 33
- ¹². Ibid. pp. 29
- ¹³. Carl Gustav Jung, *A Natureza da Psique*. Ed. Vozes [2000], § 251
- ¹⁴. James Hillman, *Suicídio e Alma*. Ed. Vozes [1993], pp.55
- ¹⁵. Sigmund Freud, *Recordar, repetir e elaborar*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 24v. [1914], v. XII

- ¹⁶. Christian Jambert, *A lógica dos orientais: Henry Corbin e a ciência das formas*. Ed. Glogo [2006]
- ¹⁷. William James, *Précis de psychologie*. Sexta edição, Paris. 1924, pp.622 (Trad. do autor)
- ¹⁸. Judith Herman, *Trauma and Recovery*. Ed. Basic Books [1997]
- ¹⁹. Bessel A. van der Kolk, *The Body Keeps The Score*. (<http://www.trauma-pages.com/a/vanderk4.php>)
- ²⁰. Steven M. Wasserstrom, *Religion after Religion*. Princeton University Press [1999]

Mais informações em: WWW.dmpbrasil.com

Marco André Schwarzstein